

# TRIBUNA Livre

9  
JULHO  
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

## GOVERNAR...

Sempre foi difícil, mas hoje mais que nunca. O nervosismo, a inquietação que vai pelo mundo, tem complicado tudo. Chegou-se a um tempo que a dificuldade de governar é muito grande, quer se trate de governar o simples casal doméstico quer se trate de governar uma nação.

E uma coisa complica a outra. Na família, se os filhos ou os criados tomam, com todas as suas consequências, a liberdade que querem de entrar e sair, ir e andar como querem e lhes apetece, dar largas às suas inclinações, tudo corre sem atritos, tudo vai bem até certo ponto impossível de determinar. Se os responsáveis, em vez de tolberem esses devaneios, ainda lhes dão asas para deparar e queimar na fogueira das paixões, isso então tanto melhor e não faltam por esse mundo filhos pródigos.

Mas, se a liberdade se condiciona e restringe; se os chefes de família ou de governos

se impõem mais do que importa aos tempos modernos, já os filhos reagem, já os vizinhos murmuram, já a crítica se levanta, já se apodam de déspotas, algozes, ditadores. E, em meio de tais complexidades, quantas vezes se ouve dizer, entre desgostos e desenganos: — Deixai-vos andar para aí; o tempo é que vos há-de curar ou perder de todo!

Vem isto a propósito de uma notícia que, sob o título de *Casas para pobres* se publicou num periódico dos subúrbios da Capital, dos mais afectados pelo êxodo de famílias da Província. Trata o assunto em termos de verdade nua e crua e que convém ser conhecida onde ela pode aproveitar, estabelecendo-se assim pontos de contacto entre os êcos clamorosos da cidade e os do campo.

Diz assim e transcreve-se com a devida vénia:

*Um dos mais angustiantes problemas dos grandes aglomerados urbanos é o*

*da afluência enorme de famílias numerosas que chegam constantemente em busca de um trabalho rudimentar, que nem sempre encontram, e se vêem depois abraços com dificuldades mais agudas do que aquelas a que preteriram fugir ao abandonarem os campos.*

*Acresce a estas necessidades de várias ordens a do alojamento, que não conseguem encontrar com o rudimentarismo das casas térreas das nossas aldeias nem por uma renda compatível com os seus parcos salários.*

*Dois situações extremas*

Continua na 4.ª página

## A CASA DA JUSTIÇA

Transportamos a estas colunas a ideia por muitos defendida de fazer construir, no nosso Largo, um edifício, para nele albergar a futura comarca.

Pensava-mos que muitas mais vezes iríamos referir o assunto, todavia, os acontecimentos foram mais optimistas do que nós próprios e a iniciativa vai entrar nas mãos seguras e teimosas de quem deve levá-la até mais longe. A nossa missão está, pois, interrompida, salvo se das colunas precisarem os que vão assumir o pesado encargo de ir mais além.

Sentimos, porém, dever dizer a todos que nunca julgamos possível encontrar tanto entusiasmo e generosidade em volta da realização a ponto de ficarmos com a certeza de que

para ela não faltarão meios materiais e que a sua realização não será mais um problema de possibilidades.

Sem nos dirigirmos a ninguém, sem buscarmos, vieram ao nosso encontro ofertas de todo o somar substancial. Para aquilatarém inulmeraremos que não obstante o grande porte do edifício idealizado uma família apareceu pronta a dar e a por no local toda a pedra, tijolo, blocos e cimento necessários para a construção de todo o edifício, isto é, erguer o edifício totalmente à sua custa exceptuando a mão de obra e o ferro.

Quanto ao local deve ter-se encontrado unanimidade até porque a primitiva solução aparece uma outra em que o mesmo seria recuado e não tomaria quase nenhum espaço do Largo, de tal maneira que o quarteirão em que se situaria perderia um só quinto do seu tamanho e este para possibilitar um alinhamento que de momento não tem.

No momento de passarmos o testemunho, compreendendo até onde foi útil a nossa missão, voltamos a repetir que esta obra tem de ser de todos, sem hesitações ou tibiezas, escondendo subtilezas e dando-nos inteiramente e todos à obra.

Todos chegamos e sobramos; nunca chegamos tanto, se quisermos.

## A verdade acerca da viagem de Cabral ao Brasil.

Por Manuel J. C. Alves Peixoto

c) A clareza com que Pero Vaz faz uma alusão ao seguimento de uma rota previamente definida, o que pode deuzir-se pelo seguinte passo da sua obra: «Seguimos nosso caminho por este mar de longo».

d) Se na realidade a empresa se destinasse a procurar o melhor caminho marítimo para as terras da lendária Índia, seria absurdo o enorme desvio da frota para o ocidente.

e) A possibilidade de terem sido entregues a Pedro Álvares Cabral quaisquer instruções verbais e sob sigilo, além das escritas, agora conhecidas, nas quais estivesse incluída «a de procurar terra ao ocidente».

Esta obra fantástica e sábia de Baldaque da Silva como que representou o golpe de misericórdia para a lenda remota do descobrimento do Brasil.

Cada alínea das suas demonstrações, foi desmoronando hábilmente o muro quase intransponível da tradição.

Esta tese, foi três anos depois, vista e defendida pelo prisma prático, pelo Almirante J. J. Fonseca, na sua obra «Descobrimiento do Brasil».

Este eminente marinheiro, procurou demonstrar que a

descoberta foi fruto de um plano pré-estabelecido, apresentando uma série de argumentos náuticos, que na realidade nos levam a concluir

Continua na 4.ª página

## CICLISMO

### A Modelar venceu o circuito da VILA DAS AVES

No passado domingo, na operosa e progressiva Vila das Aves, realizou-se uma prova ciclista, em circuito, a que concorreram as melhores equipas da modalidade tais como Gião, Gilica, Académico, Aldoar, F. C. do Porto, Pejão etc.

Prova bem disputada e presenciada por muitos milhares de assistentes, verificou-se o apuramento em duas eliminatórias que ambas foram ganhas pelos corredores da Modelar Manuel Ferreira Peixoto, e Luiz Gonzaga e numa final.

Feito o apuramento verificou-se sair vencedora a equipa da Modelar por intermédio dos seus corredores Manuel Ferreira Peixoto, Luiz Gonzaga e António Camilo, equipa que vem representando

o nosso concelho na modalidade e que tem coleccionado grande número de triunfos, cotando-se como uma das mais poderosas.

A equipa vencedora foi atribuída uma valiosa taça. A equipa voltou a ser acompanhada por carro de apoio cedido pelo senhor Artur da Cunha Cruz a quem é justo deixar aqui o merecido agradecimento.

A partir desta prova o ciclismo passa a beneficiar de regulamento identico ao do futebol pelo que os corredores não poderão transferir-se livremente de equipas, o que é útil pois trás mais sossego às equipas que, como a nossa, tanto dispendem para que possam praticar a modalidade.

## O RIO CÁVADO SEM ÁGUA

### À 15 DIAS!...

Não há dúvida que lugares de tanta responsabilidade como os das pessoas que superintendem na produção de energia das Barragens, e que regulam as cargas e caudais das represas, têm de ser ocupados por pessoas responsáveis.

O que vem acontecendo desde há 15 dias quanto à Barragem de Caniçada é um verdadeiro atentado contra a pobre economia agrícola e industrial dos que tem a sua vida ligada à água do seu Rio.

Cortar a água 15 dias e (quanto mais será) durante uma estiagem na época do ano, em que a lavoura precisa de dar a primeira rega aos seus milharais, marginais, deixando as azenhas sem água (e estas são a única indústria de moagem da região) o que obrigando o lavrador (que cozia o seu próprio pão) a ir à venda comprá-lo ao quilo, e concorrendo desta forma para que sejam iliminadas as es-

pécies piscícolas do Rio são um abuso inqualificável.

A alfofeira de Caniçada está cheia, ameaçando esbordar, enquanto se perdem searas, e se desfalca impremente a economia de classes que precisavam mais ser ajudadas e protegidas do que nenhuma outras.

### Um verdadeiro suplício de Tântalo.

A única e sêca explicação que nos é dada da Caniçada para onde temos telefonado é «são ordens da Repartição Nacional de Cargas, em Lisboa».

Já no nosso número anterior protestamos em termos inérgicos, dos quais as entidades competentes tomaram conhecimento.

Estão a tomar-se todas as medidas necessárias para eliminar este estado de coisas e temos conhecimento que a nossa Ex.ma Câmara está a intervir.

Continua na 4.ª página

# TRIBUNA FEMININA

## Um conto Infantil

### O Castelo dos Dragões

por Joaquim F. Martins

Aldomar era uma pequena aldeiazinha, com poucos habitantes que ficava perto do mar.

O povo de Aldomar não era feliz, e vivia atormentado pelo medo.

A causa desta infelicidade estava bem à vista. De qualquer ponto da Aldeia se avista lá em cima das rochas, o escuro Castelo Fantasma.

Segundo a lenda, esse castelo é já muito antigo. Ainda nenhum ser humano se atreveu a entrar nos seus muros.

O povo treme só de olhar para ele, sem sequer saber porquê. O Castelo Fantasma mete medo e é por isso que os habitantes de Aldomar não vivem felizes.

Ora um dia, o povo viu entrar na aldeia um cavaleiro, que vergado sobre o cavalo parecia voar. O cavalo de tão cansado que vinha, ao chegar à praça da aldeia caiu atirando com o cavaleiro ao chão. Este não consegue levantar-se e o povo correu para o ajudar. Viram então que ele levantava a cabeça e fazia um gesto com a mão para que parassem. O seu corpo estava alagado de sangue e o seu aspecto metia medo. Então os habitantes de Aldomar ouviram-no dizer:

— Eu fui ao castelo fantasma! Esse castelo está cheio de dragões enormes e de monstros horríveis. Eu vi uma jovem muito bonita, tão bela como o Sol e tão pura como a Lua, que o feiticeiro tem lá escondida. Quem conseguir libertar essa donzela terá a sua mão. O feiticeiro matou-me, eu sou um fantasma...

Depois de dizer isto o cavaleiro deu um estrondo e desapareceu juntamente com o cavalo, da vista dos aldeões.

Estes ficaram aterrados e quando se aproximaram do sítio onde tinha estado o cavaleiro, nada viram.

Desde esse dia o medo que o castelo infundia, aumentou.

Do outro lado de Aldomar havia outro castelo, que era do fidalgo Lourenço.

Este fidalgo era belo e valente. Tinha também bom coração e a sua generosidade era conhecida em toda a aldeia, pelo bem que fazia aos pobres.

Lourenço ao ouvir a notícia, resolveu ir naquele mesmo dia ao Castelo Fantasma.

E, mandando, chamar um

criado, ordenou-lhe que lhe preparasse o melhor cavalo.

Em seguida vestiu o seu melhor fato, e pôs à cinta a sua espada de ouro que lhe fora, dada por um mágico.

Esta espada tinha o condão de desfazer em bocados tudo o que nela tocasse.

Depois montou a cavalo e dirigiu-se para o Castelo Fantasma.

Em frente deste desmontou e resolveu entrar a pé. Foi nesse momento que ouviu um grito horrível. Olhou para uma das torres do castelo, e viu a cabeça de um dragão a olhar para ele. Esta visão seria capaz de amedrontar o mais valente, mas Lourenço pouco se importou e continuou a avançar de espada na mão.

Quando ia a entrar na porta ouviu uma voz horrível que dizia:

— Se cá entras maldito cavaleiro, não sairás com vida. Foge enquanto tens tempo.

O fidalgo soltou uma gargalhada. Decerto quem falava não o conhecia, porque o cavaleiro nem que visse à frente dele a morte em pessoa, continuaria a avançar. Corria-lhe nas veias o bom sangue Português.

Olhou para todos os lados, mas nada viu. Depois de entrar, caminhou por um corredor húmido, e mal cheiroso, com a espada na mão, e com as maiores preocupações.

De repente viu à sua frente dois olhos que faiscavam.

Compreendeu que era um monstro, embora com a escuridão não o visse, e espetou-lhe a lâmina da espada no corpo. Imediatamente o monstro deu um estouro e o corredor iluminou-se como por encanto.

Nesse mesmo instante, saltou sobre ele um enorme dragão que deitava abundantemente fogo pela boca. Lourenço lutou com ele e em breve conseguia tocar-lhe com a espada, fazendo com que ele desaparecesse também.

Continuou a avançar com muito cuidado e matou ainda mais dois dragões, até que chegou a uma porta de ferro que estava fechada.

Abriu-a e entrou. Como por artes mágicas apareceu-lhe à sua frente um monstro horrível com três cabeças e quatro braços.

— Eu sei que sois Lourenço, e que não tendes medo

(Continua na 5.ª página)

## CULINÁRIA

### Língua de vitela com molho holandês

2 línguas de vitela; água, sal, 2 cenouras, 1 cebola, 1 folha de louro, alho, umas gotas de vinagre ou sumo de limão. Lavam-se as línguas e deitam-se em água fervente com todos os ingredientes citados. Cozinham-se até amolecer. Em seguida tiram-se-lhes a pele e cortam-se em fatias. Servem-se com molho holandês.

**Molho holandês:** 1 colher de manteiga, 1 1/2 de farinha, 1 ou 2 gemas, sumo de 1 limão, sal, chávina e meia de caldo de carne, noz moscada, cebola à vontade. Córre-se a farinha em manteiga quente, junta-se o caldo de carne e água fria mexendo sempre. Ferve-se então por 20 minutos em fogo brando.

Despeja-se este molho sobre as gemas batidas manteiga sumo de limão, noz moscada e cebolinha.

### Frango de cabidela

O frango para ser preparado com molho de cabidela, deve ser morto cortando-se-lhe o pescoço. Deixa-se correr o sangue para uma vasilha na qual se deve ter posto um pouco de vinagre e, à medida que o sangue for correndo, mexe-se para não coagular.

Limpa-se o frango, pica-se e tempera-se com sal, pimenta e vinagre, deixando descansar algumas poucas de gordura que se deixa aquecer. Junta-se cebola picada, louro, alho e os pedaços de frango que se deixam corar. Em seguida acrescenta-se um pouco de água e deixa-se cozinhar lentamente. Poucos instantes antes de servir, mistura-se o sangue ao molho mexendo bem.

### Bifes de vitela com queijo

Corta-se a carne de vitela em fatias como para bifés. Temperam-se as fatias com sal e pimenta. Batem-se dois ovos aos quais se acrescenta farinha até ficar uma massa rala. Passam-se os bifés em manteiga derretida, queijo ralado e na massa. Estes bifés devem ser fritos em bastante gordura e servidos imediatamente.

### Couve flor com molho branco

Cozinha-se a couve-flor em água e sal. Pica-se e mistura-se com fatias de presunto. Arruma-se tudo num prato que possa ir ao forno.

## BELEZA

### Para Mulheres que trabalham

O princípio básico para as mulheres que trabalham é cuidarem da sua beleza, sem dispendirem muito tempo.

Primeiramente, arranje um local apropriado para colocar os seus utensílios e produtos de beleza e um espelho só para si. Nada mais antipático, mesmo para um marido paciente do que ver o espelho monopolizado pela esposa, na hora em que ele o necessita... Escolha para fazer o arranjo do seu rosto, um sítio em que haja perfeita visibilidade, não deixe de arrumar os seus produtos de beleza, quando já não os necessitar. Faça uma lista dos produtos que necessita, similar a esta:

**Para a pele** — Tónico, creme nutritivo, creme de limpeza, etc.

**Para a «maquillage»** — Base, rouge, pó, baton, lápis para os olhos, etc.

**Para o cabelo** — Shampóo, fixador, loção, ganchos, rede, etc.

**Para as mãos** — Estojo de manicure, creme, verniz e acetona.

**Gerais** — Anti-sudorante, talco, depilatório, água de colónia, perfume.

É uma grande verdade, os homens apreciam uma mu-

Com a água em que foi afeventada a couve-flor, prepara-se um molho branco, ao qual se acrescenta um pouco de queijo ralado. Com este molho cobre-se a couve-flor e leva-se ao forno.

lher bem cuidada, mas não fazem questão de presenciarem esses cuidados...

#### Uma vez por semana

Limpe bem o rosto e pescoço. Aplique o creme de nutrição.

Lave o cabelo, tendo cuidado em que o shampóo não atinja o rosto.

Faça a mise. Renove o creme de limpeza. Prepare o banho. Lime as unhas.

Aplique a máscara de beleza e tome o banho sem molhar o rosto.

Seque o corpo e aplique talco. Renova a máscara com água limpa.

Aplique depilatório nas pernas e debaixo dos braços. Leva 5 a 10 minutos a agir. Entretanto arranje as unhas dos pés — o que é mais fácil após o banho.

Remova o depilatório. Seque-se num lugar quente, enquanto seca o cabelo e aplique verniz nos dedos das mãos e pés.

A única operação que não deve fazer apressadamente é colocar o verniz. Deixe-o secar bem.

#### Lembre-se do seu marido — Um homem também usa produtos de toilette

##### Compre para ele:

Tónico para o cabelo e fixador. Talco, creme de barbear e loção para passar no rosto, após estar barbeado com água de Colónia.

## MEU PORTUGAL

Portugal, faixa Querida  
De terreno, Sol d' encantos.  
Minha Terra estremecida  
Cultivadora de Santos

Portugal, doce Cantinho  
Cercado co'a luz do Céu.  
Tu és, do Algarve ao Minho,  
Uma faixa sem labéu.

És tu, Portugal, o exemplo  
Das conquistas e das guerras.  
És o Portugal do Templo  
Que descobriu vastas terras.

Que Santo heroísmo encerras  
O Pátria dos meus amores;  
Que semeaste noutras terras  
Vastas campinas de Flores.

Portugal, Terra de Santos,  
Portugal, Terra de Heróis  
Que correram mil recantos  
Em busca de novos Sóis.

Meu Portugal dos poetas  
E de guerreiros sem par,  
Que brandiram suas setas  
Nas conquistas d'além-mar.

Gota d'Orvalho

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal  
Correspondência  
Ofícios

Da Junta de Freguesia de Caires, solicitando a construção de dois muros.

Da Firma Alves, Oliveira Machado L.da Vila Nova de Famalicão, desejando saber quais dos postes cujo fornecimento lhe foi adjudicado devem ser enviados a esta Câmara, em primeiro lugar, e em que data se tornam necessários.

Da Junta de Turismo de Caldelas, agradecendo a resolução tomada por esta Câmara no sentido de aquelas termas virem a ser dotadas de abastecimento domiciliário de água.

Da Direcção dos Serviços de Salubridade da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, em referência ao abastecimento de água às Termas de Caldelas, informa que em primeiro lugar se torna necessário obter o volume de água suficiente ao abastecimento em questão, sem o que não pode pensar-se em elaborar o respectivo projecto.

Da Junta de Freguesia de Amares, agradecendo a resolução tomada por esta Câmara em mandar proceder à reparação da estrada de acesso à capela de Nossa Senhora da Paz.

Da Junta de Freguesia de Ferreiros, pedindo a transferência do mercado de venda de peixe do Largo Dr. Oliveira Salazar, desta Vila, por outro local mais apropriado.

Da Direcção do Distrito Escolar de Braga, informando que o edifício escolar da freguesia de Goães deste concelho e propriedade do Estado, pelo que se tor a necessário conseguir autorização superior para se proceder à sua ampliação.

Do Cantoneiro desta Câmara, Manuel Leite Martins Brandão, informando que para a reparação da Estrada Municipal de Parada de Bouro, se torna necessário uma camionete para transportar 10 cargas de saibro.

Da Junta de Freguesia de Ferreiros, informando que o local mais apropriado para o mercado de venda de peixe naquela freguesia, será no lado sul da Estrada Nacional à entrada do Largo Dr. Oliveira Salazar, a uma distância do actual local cerca de 20m.

Da Direcção Geral de Transportes Terrestres, Lisboa, pedindo para esta Câmara informar aquela Direcção do que se oferecer sobre a alteração do horário de carreiras entre Braga e Caldelas.

Do Tesoureiro Municipal, pedindo autorização para que o conhecimento do Imposto de Prestação de Trabalho n.º 656 de Arlindo Gomes da Costa, da importância de 16\$00 continue a fazer parte dos documentos a seu crédito, em virtude de em 22 de Janeiro último ter sido averbado por lapso no aludido documento a nota de liquidação.

Da Junta de Freguesia de Caires, informando que o troço do antigo caminho público que seguia de Ferreiros para aquela freguesia, sito no lugar da Pena, se encontra fora do uso público há mais de 10 anos, não tendo, por isso qualquer utilidade.

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, informando que já se encontram executadas 4 fases de Trabalho na obra de construção da limpeza das respectivas vaeletas da estrada Municipal de Dornelas a Paredes Secas e que convém conservar.

Da Junta de Freguesia de Vilela, informando que o custo da reparação da fonte pública do lugar de Trás de Devesa daquela freguesia é de 980\$00.

Da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga, informando que foi autorizado o regime de concurso limitado para a construção da Estrada que vai do lugar das Neves ao Rio Homem na freguesia de Rendufe—3.ª fase.

De Carolino Alberto Vieira, de Caires, informando que os trabalhos de reparação e revestimento interior da fossa das instalações sanitária de Amares, bem como a clafetação a massa de cimento e reparação do cano de esgoto se encontram concluídos.

Do Governo Civil do Distrito de Braga, informando que por despacho de sua Excelência o Subsecretário de Estado do Orçamento, de 9 de Junho findo, foi autorizado a esta Câmara lançar uma derrama, pela taxa de 8% aos contribuintes das contribuições gerais do Estado, mas apenas por um ano.

Da Junta de Freguesia de Barreiros, pedindo a reparação do caminho que vai do lugar de Além daquela freguesia ao lugar da Feira Velha, da freguesia de Carracedo.

Do Tribunal de Contas, Lisboa, remetendo uma cópia do acórdão proferido por aquele Tribunal sobre a gerência desta Câmara do período de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1958.

Continua no próximo número)

## Parabéns ao Abel Antunes

Após provas efectuadas no Banco Nacional Ultramarino, onde obteve uma brilhante classificação, acaba de ser colocado no Fital do Porto, o nosso particular amigo, conterrâneo e colaborador deste Jornal, Abel José Dias Antunes, a quem felicitamos pelo excelente êxito e desejamos as maiores felicidades no novo cargo.

Até aqui prestou serviço nos escritórios da Empresa Carbonífera do Douro, com sede no Porto, onde pela sua honestidade, competência e lealdade, se revelou um óptimo funcionário.

Parabéns, portanto, ao Abel Antunes.

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Amanhã—as Snras D. Luzia Pisão e Maria da Conceição Ventura.

Dia 12 — os senhores Mário Augusto de Abreu Dias e João Gualberto de Macedo.

Dia 13 — o snr. José de Abreu Dias.

Dia 14 — o snr. Manuel Veloso.

\* \* \*

Passa no dia 13 do corrente o aniversário natalício a Snra. D. Rosalina de Fátima Machado Teixeira, esposa do nosso dedicado assinante snr. Manuel Teixeira, ausentes no Canadá.

Sua família, desejam-lhes muitas felicidades e um futuro sempre risonho.

A todos os nossos parabéns.

### Condições de Assinatura

Continente	
Ano . . . . .	50\$00
Semestre . . . . .	25\$00

Ilhas	
Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00

Brasil	
Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00

Estrangeiro	
Avião—ano . . . . .	180\$00
Semestre . . . . .	90\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00

Visado pela Censura

## CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Na última carta apareceram duas gralhas: Soulo em vez de Soutelo e qualidades por quantidades. Posto isto vou dar algumas notícias.

### Festa da Sra. da Saúde

Começa no dia oito, às vinte horas e trinta minutos, a novena preparatória a qual se prolonga até ao dia dezasseis, todos os dias, e sempre à mesma hora. Haverá altofalantes desde a primeira novena até ao dia dezoito.

No dia dezasseis poderão confessar-se todos os devotos do Senhor da Saúde. No dia dezassete haverá às 6,30 horas, missa e comunhão geral. A missa vai ser cantada. Depois a Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares fará as evoluções do estilo e, às 11,15 horas, principiará a missa solene, que terá sermão. Pelas quatro horas da tarde principiarão os actos religiosos que terminam com a procissão na qual se incorporarão muitos andores vistosamente enfeitados, figuras alegóricas, muitos anjinhos, além das organizações religiosas paroquiais e clero assistente.

És capaz de dizer que não há nada de novo, mas podes vir garante-te que verás, entre outras novidades, um andor novo oferecido por alguns rapazes a São José. Também verás o cemitério arranjado, como novo, a igreja paroquial e a capela do Senhor da Saúde com a cara lavada, e não é tudo... Podes vir!

### Coisas Incompreensíveis

Faleite há pouco deste assunto e volto ao mesmo tema para dizerte que não compreendo certas atitudes que julgo despidas de qualquer educação. Está neste caso o hábito de falar mal.

Dizem-me que a G. N. R. multa com 80\$50 as pessoas encontradas a falar mal.

Notei há pouco que o tribunal procede judicialmente contra as pessoas acusadas de falar mal. Apesar disto a maior parte das pessoas con-

tinuam a falar mal.

O mais curioso é encontrarem-se pessoas cultas, v. g. médicos, habituadas a falar mal. O que, porém, mais impressão me causa é ver e ouvir mães chamarem aos próprios descendentes «filhos da p» e mulheres casadas chamarem corno ao próprio marido! Tu comprehendes? Pois eu não comprehendo!

### Vai acabar o Mundo

Tenho encontrado várias pessoas atoladas com a ideia de que o Mu. do vai acabar.

Se conseguir tempo dir-te-ei alguma coisa sobre o assunto. Por hoje dispõe do teu amigo:

J. Moreira.

## HUMORISMO

### Serva pouco exigente...

Por que nos quer deixar, Joaquina? Não a tenho tratado bem?

—Sim, minha senhora; tenho sido até muito bem tratada. Mas a senhora só tem duas criadas.

—Então é isso, que importa? Acha o trabalho demasiado?

—Ah! não, minha senhora.

—Mas é que estive sempre onde eramos quatro criadas e convem-me isso mais, porque gosto muito de jogar à «sueca»!

### Ave raríssima

Dois saloios, visitando o Jardim Zoológico, estavam admirados, em frente do compartimento das avestruzes.

—Ana! Manel! que pássaro tão grande! Será uma galinha?

—Deve ser.

—Mas que galinha será?

—Isto é, talvez, dalguma terra, de gigantes!

—Ha-de ser isso, ha-de. Será, talvez, daquelles que põem, lá fora, os ovos de Páscoa.

## PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 BRAGA

# A verdade acerca da viagem de Cabral ao Brasil

(Continuação da 1.ª página)

nesse sentido.

J. J. Fonseca, esclarece, que considerando todas as viagens feitas até aos nossos tempos entre o Oriente e o Ocidente, não se divisa um único caso de «desvio» sota-ventação, ou arribada» que afastasse qualquer navio na pretensa rota tomada por Cabral.

A obra estava começada, a árvore plantada por Pero Vaz de Caminha enraizou e floriu.

Esta ideia imperou sobre a maior parte dos estudiosos, pela sua clareza, pela sua realidade, vincada e sapientemente demonstrada.

Há poucos anos, Gago Coutinho e Jaime Cortesão, dos maiores historiadores do século XX, defenderam a opinião da descoberta maduramente estudada, da Terra de Santa Cruz.

O primeiro, em 1927, não desprezava completamente a tese dos escritores quincentistas e seiscentistas, apesar de a considerar pouco provável.

Porém, em 1941 visou mais uma vez a viagem de Cabral ao Brasil, declarando, desta vez, considerar como impossível ter para ela contribuído o acaso.

Deduz-se de uma maneira flagrante a sua segunda opinião, pela seguinte passagem do seu livro «Pioneiros Portugueses no Descobrimento da América»: «Esta conjectura é tão pouco provável, que só a poderíamos admitir com provas documentais, e estas não existem.»

Jaime Cortesão, à parte pequenas alterações, defendeu os mesmos pontos de vista do Almirante Gago Coutinho.

Houve, porém, um apêlo do além-túmulo formulado pelos historiadores dos séculos XV e XVI, na pessoa do Prof. Morrison, mas esse grito foi habilmente sufocado pelos argumentos de Gago Coutinho.

## CAPÍTULO II

### As viagens pré-cabralinas.

Na cultura podem-se estabelecer uma espécie de gradações, num dos extremos estão os muito cultos, no outro os ignorantes e a meio os que possuem uma cultura geral.

A tradição, que por vezes é portadora de ideias erróneas, é mestra dos terceiros, e estes por sua vez os professores dos segundos.

Por isso, só os estudiosos trabalham profundamente, para descobrir as falsidades das afirmações históricas.

Os últimos restringem-se somente, quase sem pensar, a acatar o que nela se diz.

No que diz respeito à descoberta do Brasil, as pessoas menos cultas limitam-se a seguir os ditames da tradição, dentre os quais se conta aquele que diz que foi Pedro Álvares Cabral, o homem que pela primeira vez pisou Terras de Santa Cruz.

Porém, os estudiosos, encontram neste caso um problema intrincado e misterioso. As opiniões, das mais diversas, vogam e inquietam nos seus espíritos.

Dentre todos os pontos de vista, o mais discutido e interessante, resume-se numa probabilidade, de que Cabral tenha rumado tanto para ocidente com a intensão de confirmar a existência de terras para essas bandas já assinaladas num mapa antigo, cuja data é anterior ao ano de 1500.

O mapa, fonte de tão acasas discussões, foi obra de um mareante de D. João II — Pero Vaz da Cunha «O Bisagudo».

Frei Gaspar da Madre de Deus, noticiou a existência do testamento de um colono — João Ramalho — datado de 1580, no qual, este declara estar há noventa anos no Brasil.

Cândido Mendes não acatou como verdadeira tal afirmação, baseando-se na idade exagerada que o colono teria (cento e oito anos), quando foi lavrado o dito testamento

(8 de Maio de 1580), pois quando João Ramalho embarcou, não era provável que tivesse menos de 18 anos.

Este historiador, explica o erro do colono ao declarar estar há noventa anos no Brasil, esclarecendo acertadamente que seria natural este ter perdido a noção do tempo, depois de tantos anos de contacto, somente, com um povo selvagem.

Revigorou, por fim, a sua opinião declarando que sem a assistência necessária, seria impossível ou muito difícil ter alcançado tão prolecta idade.

Duarte Leite, apoiado nas mesmas ideias de Cândido Mendes, noticia que João Ramalho só recusou o cargo de vareador, em 1564, por ser homem velho, já passante dos 70 anos, por isso não podia ter aberto pela primeira vez os olhos para o mundo, antes do ano de 1489, sendo inaceitável, que no ano imediato ao seu nascimento, ou no seguinte, chegasse à costa brasileira.

Por estes dois problemas da nossa história, pode-se avaliar o drama dos historiadores, guerreiros incansáveis na luta contra a incerteza dos factos históricos, incerteza que representa um baluarte escuro e horrível, mas que depois de vencido, apresenta aos olhos dos seus conquistadores, o prémio belo e glorioso do seu trabalho.

# GOVERNAR...

(Continuação da 1.ª página)

se lhes deparam! ou os «bairros de lata» em que proliferam num primitivismo quase animalesco, fonte de degradações de toda a espécie, que o venerável Padre Américo combateu em admirável apostolado ou o subarrendamento, em prédios de inquilinos, em que famílias inteiras e em crescimento vivem (P...) empilhadas nas quatro paredes dum pequeno quarto, sujeitas às constantes humilhações dum convívio forçado.

Para mais, sabemos ser corrente os senhores aumentarem a renda dos prédios em função do número de filhos do casal que os aluga, chegando mesmo a recusar-se a alugá-los a casais com filhos etc.

É movida das melhores intenções e sentido humanitário a presente questão de reclamar para todos, ao menos as condições mínimas de uma existência digna e aceitável para um ser humano. Mas, pergunta-se:—Se perante a expectativa deste feio quadro, que aqui se apresenta ao vivo, mesmo assim a fuga dos campos se mantém premente e assustadora, que foros de alarme não tomará ela, se aos que deixam suas terras pela vida aventureira dos meios urbanos logo aí se lhes deparar um conjunto de facilidades e atracções, uma soma de regalias a que legitimamente, sem dúvida, aspiram?

Problema deveras complicado é este, e que só o bom senso e a prudência de cada um pode resolver por si.

A vida dos campos já se ressentem consideravelmente, à míngua de braços que a cidade lhe arrebatou.

\* \* \*

Mas a vida da cidade é uma tentação; um simulacro da

grandeza, as masi das vezes aparente, porque a mentira a cobre com manto doirado de muitas ilusões.

Bastante mais cidadão fica o provinciano que, metendo umas notas no bolso, se dispõe, num gesto de legítima extravagância, a ir de excursão até Lisboa. Visita todos os seus monumentos e museus, percorre-a de ponta a ponta, admirar-a, vê tudo por dentro e por fora e regressa à sua terra contando maravilhas, queixando-se só da Zoeira que levou nos ouvidos de tanto barulho e movimento; enquanto outros muitos, mesmonados e criados na cidade, nem a conhecem; e, quando se acham senhores de uns escudos, em vez de, por sua vez, irem em proveitosa digressão pelas províncias, a conhecer de tantas de suas maravilhas de arte e motivos de exaltação patriótica, passam antes as fronteiras, porque isto constitui moda, e voltam elogiando o de lá e deprimindo o de cá.

Que falta de bom entendimento! Estes, quando muito, serão cidadãos do mundo: nem portugueses nem espanhóis, sem côr definitiva, ou melhor, um bocado russa. O descontrolado reina no campo e na cidade e é preciso combatê-lo.

O mal, porém, de que vem a tratar-se, tem de combater-se na origem: torrar na melhor medida possível a vida relativamente feliz e despreocupada de cada um em suas terras, afim de evitar, com a solução do problema grave de tão acentuada emigração, o agravamento de chagas sociais que preocupam autoridades, serviços de policiamento, e instituições por onde processam tantos destes casos de miséria e degradação moral e social de famílias e indivíduos que, atraídos pelo destino que não souberam orientar, ou não puderam, se sentem acorrentados para uma mesma vala comum.

## O RIO CÁVADO SEM ÁGUA À 15 DIAS!...

(Continuação da 1.ª página)

Como nos compete, aqui estamos mais uma vez, a comentar a abusiva atitude dos responsáveis.

Estamos também aqui para concorrer dentro do possível para eliminar definitivamente estes casos, até porque somos obrigados a pensar que os mesmos que agora, sem motivo palpável nos matam de sede, também nos podem afogar. Bastaria que sobre uma cheia nos soltassem a barragem, para os campos, azenhas, etc, ficarem destruídos.

Alguém dirá; mas isso não pode suceder.

Pois também não devia ser possível que, sem obras na Central ou no curso do rio que dê lugar a qualquer

justificação, ela está fechada, e para cúmulo nesta época.

Porque se não mantem a Central sobretudo nesta época, a trabalhar no mínimo de carga, em lugar de a fechar e m herméticamente. Será que todas as Barragens trabalhando no mínimo ainda produzem demais?

Assim, porque a situação carece de rapidíssimo remédio, pois estão em jogo grandes e legítimos interesses e porque o sucedido deu lugar a justificada indignação do Povo, e grandes prejuízos, sem qualquer razão que a explique, pede-se a intervenção de Sua Ex. cia o Senhor Ministro da Economia assim com um rigoroso querito ao sucedido, de forma a evitar a repetição tais determinações.



### COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM  
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

### Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

Deseja trabalhos tipográficos  
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À  
MODELAR

Telefone 62113

Amores

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURCO

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURCO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 65

(CONTINUAÇÃO)

a vergonhosa resolução: Saindo do castelo, sem que o marido desse pela sua falta, passou-se ela para D. João I de Castela, que pousava às portas da vila e já com ele tinha falado. Recebeu então Gonçalo Vasques recado daquele soberano «que já tinha sua mulher em poder, ficasse ele com Deus, que ele a levaria consigo para Castela.» Turbado de tal acontecer, foi falar ao rei; «e depois que o teve consigo, mandou a mulher a Évora... e levou Gonçalo Vasques e Alvaro Gonçalves seu filho, caminho de Castela, onde o fez adiantado de Castela-a-Velha.» Isto descreve o cronista, chamando a atenção para a liberdade que alguns homens dão às mulheres «que muitas vezes lhe trazem deshonra e perda».

Voltou, finalmente, com eles e outros mal fadados cavaleiros portugueses, que seguiram os mesmos passos, caminho de Aljubarrota, a receberem o prémio de suas traições. Gonçalo Vasques de Azevedo foi encontrado e reconhecido entre os mortos.

E, avistando-se, depois da Batalha, D. João I, Mestre de Avis, com Inês Afonso em Santarém, disposta a embarcar na frota de Castela, falou-lhe:

— *Dizei-me Iñez Affonso, de qual Burgos ou de qual Cordova era Gonçalo Vasques natural pera ter antes com os castellãos que com os portugueses?»*

— *«Era natural, disse ella, de muito má ventura que tinha guardada, que o trouxe a morrer má morte.»*

— *«Má morte morraes vós, disse el-rei, que vós malastes vosso marido e vosso filho»...*

E mandou que não lhes «fizessem nojo» (mau trato, a ela e a outras) até se embarcaram.

A demasiada prudência da velha cavalaria atraçouu-lhe as intenções: ou porque cansada das lutas com Castela no tempo de D. Fernando, aspirava a um resto de vida mais tranqüilo; ou porque de lá esperava o triunfo com algumas benesses, só a Mocidade ardente da jóvem cavalaria, exaltada pelo singular exemplo de D. Nuno, foi decidida, abraçou incondicionalmente a Causa do Mestre de Avis e da Pátria. E foi o que valeu: — os filhos e os netos remiram os pecados dos pais e dos avós.

Diz Fernão Lopes «de alguns se converterem ao falso ídolo do rei extranho, não admira a que se passasse porque eram já enxertos tortos nados (nascidos) e de azambugeiro bravo» e entre os principais a que se aplica esta imagem de notável expressão, contam-se os filhos de D. Inês de Castro e todos os demais Castros — D. Pedro Pires conde de Arraiolos e seu filho D. Pedro de Castro, que andaram algum tempo simuladamente com o Mestre de Avis, para o matarem, a soldo do rei de Castela; um tal Lopo Gomes de Lira, fidalgo galego, alcaide-mór de Braga e de Ponte de Lima, casado com Teresa Gomes de Abreu e eram os sogros de Alvaro Gomes de Abreu, o alcaide-mór do castelo de Neiva, que aí foi morto, deixando viuva Isabel Lopes de Lira; seu irmão, Vasco Lourenço de Lira que estava por alcaide-mór de Viana; Alvaro Pais de Sotomaior que tinha o castelo de Melgaço.

Em Monção era alcaide-mór Diogo de Abreu, mas não consta que se deixasse levar para o inimigo.

E continua o cronista «mas aquellas vergontas direitas, cuja nascença trouxe seu antigo começo de boa e mansa oliveira, portugueses esforçando-se de coração e arvore que os criou, mudando seu doce fruíto em amargo licor, que isto é de doer e chorar...» e neste número se incluem todos quantos portugueses de lei traíram a Causa sagrada da Independência, a começar pelo chefe da nobreza, João Afonso Telo, conde de Barcelos, o principal instigador para que se travasse a Batalha onde foi morto; Gonçalo Vasques de Azevedo e seu filho, descendentes do célebre D. Arnaldo de Baião, tiverem o mesmo fim; Aires Gomes da Silva, alcaide-mór de Guimarães; Vasco Gomes de Abreu e todos desta geração que depressa esqueceram a melhor tradição de família, conquistada na Veiga da Matança; João Rodrigues Portocarreiro, sogro do anterior, alcaide de Vila-Real que foi contra o Mestre. Este era descendente daquele célebre Reimão Viegas Portocarreiro, acérrimo partidário de D. Afonso o Bolonhês, a ponto de atrever-se a entrar disfarçado nos aposentos particulares de D. Sancho II, em Coimbra, arrebatando-lhe do leito a rainha D. Mécia, levando-a para Ourém, etc. irmão do arcebispo bacarense D. João Viegas Portocarreiro.

(Continua no próximo número)

## Notícias das Termas do Gerês

### Motonautica

Como havia-mos noticiado realizou-se no passado dia 3 do corrente, uma prova a contar para o campeonato de Portugal de motonautica na barragem de Caniçada sendo muito concorrida e admirada por milhares de pessoas de todo o país.

As provas decorreram no melhor espírito desportivo.

Em primeiro lugar foi disputada a prova do Campeonato de Portugal, sendo vencedor o Snr. Beja de Cascais.

A seguir realizou-se a prova para o grande prémio de Caniçada, com a participação de 14 concorrentes sendo o seu vencedor na categoria Sport o Snr. Alvaro Cesar Machado, seguido do Snr. Dr. José Tavares.

Na categoria corrida foi vencedor o Snr. Paron de Oliveira.

Estas provas tiveram a participação de concorrentes dos Clubs: Naval de Setubalense, Club de Cascais, Naval de Aveiro e Club de Vela Atlântico do Porto.

Gerês 5-7-60 C.

## Um conto Infantil

(Continuação da 2.ª página)

de nada, nem mesmo do diabo, mas, fizeste muito mal em vir a este castelo, porque daqui não ides sair com vida. É o feiticeiro Aldonso que vos diz isto. Eu sou o único senhor deste castelo...

O jovem fidalgo não quiz ouvir mais nada. Correndo para o feiticeiro com a espada na mão, preparava-se para o matar quando este com uma gargalhada fez aparecer à sua volta vários monstros e dragões.

— Com estes poderás lutar à vontade que nenhum mal lhes farás com a tua espada mágica — disse o feiticeiro Aldonso — São homens que eu transformei.

Os dragões avançavam em direcção ao valente Lourenço. Este deu duas cutiladas no da frente, mas, de facto, nenhum mal lhe fez, porque ele continuou a avançar.

O feiticeiro ria com prazer. O jovem fidalgo estava irremediavelmente condenado à morte. Os reptéis com os olhos a arder e a deitar lume pela boca estavam já perto dele.

Mas, sem que o feiticeiro vi-se, abriu-se uma porta e Lourenço viu uma menina muito bonita. Esta elevando a sua voz doce e meiga, disse:

— Fazei o sinal da cruz se vos quereis salvar, valente cavaleiro.

Imediatamente, e como

## «Tudo na vida me fala de ti»

Falam-me de ti as águas cristalinas,  
Quando pressurosas correm para o mar.  
Fala-me de ti a luz do Sol, o luar,  
Qu'espreitam do ar tuas feições divinas.

Falam-me de ti as rosinhas silvestres  
Quando as contemplo cheio de fervor.  
Falam-me de ti, oh, mas com que ardor,  
Mesmo sem odor as florinhas campestres.

Falam-me de ti as águas da fonte,  
Os grilos do monte em amena canção.  
Fala-me de ti no coaxar, a rã,  
Fala-me de ti a orla do Horizonte.

Falam-me de ti, florinhas dos valados,  
Dos acandurados traços do teu rosto.  
Falam-me de ti os lírios, ao Sol-posto,  
Como d'Alva Estrela ou Sol dos Sóis alados.

Fala-me de ti a doce água do rio,  
Quando m'extasio no seu terno afã.  
Fala-me de ti, no alvor da manhã,  
O rouxinol em notas de suave gorjeio.

Fala-me de ti abóbada Celeste,  
O globo terrestre, a vegetação, o Mar.  
Fala-me de ti o Astro-Rei, o luar,  
Tudo, tudo, enfim, que a Natureza reveste.

Fala-me de ti, em alta madrugada,  
Junto ao quedo lago a voz do rouxinol.  
Fala-me de ti, em lídimo control,  
O indelével Sol logo n'Alvorada.

Fala-me de ti, enamorada a Lua,  
Da beleza tua e dos lábios teus.  
Sóbrios de carmim, a encantar os meus,  
Que vivem sedentes da pureza tua.

Fala-me de ti a flauta do Zagal  
Numa b'leza tal que me prende e enlaça.  
Fala-me de ti a brisa, quando passa,  
Suave como a graça dum Deus Eterno.

Falam-me de ti, os densos pinheirais  
Em tardes'stívais bramindo mansamente.  
Fala-me de ti o Sol, já no Poente,  
Quando ao despedir-se espelha nos vitrais.

Fala-me de ti, dos valados a hera,  
Quando a Primavera surge alcandurada.  
Falam-me de ti os raios d'alvorada,  
Quando a Madrugada doce esp'rança gera.

Fala-me de ti, do rouxinol o pio,  
Quando junto ao rio vem carpir saudosos.  
Fala-me de ti, o arvoredado frondoso,  
Quando silencioso em tardes d'estio.

Fala-me de ti o infinito Universo  
Em prosa, em verso, como de uma musa.  
Tudo o que é visível e comigo cruza  
Me fala de ti, do teu perfume terso.

Fala-me de ti, dos meus sonhos a história,  
Como de Memória p'rene de venturas.  
Fala-me de ti o Trovão, nas Alturas,  
Quando tu fulguras no meu céu de glória.

Prado, Junho de 1960

Gota d'Orvalho.

bom cristão que era, Lourenço fez o sinal da cruz.

Nesse mesmo instante, ouviu um estrondo formidável, e achou-se no campo ao lado da formosa jovem. O castelo e os monstros tinham desaparecido para sempre.

— Como vós sois valente — disse ela. — Como prémio da vossa valentia aqui tendes a minha mão, elegante cavaleiro.

Os aldeões não cabiam em si de contentes ao verem que o maldito castelo, que tanto medo lhes fazia, havia desaparecido...

Os dois jovens casaram e foram felizes pela vida fora.

Quanto aos habitantes de Aldomar, esses nunca esqueceram o bem que lhes fizera, esse valente cavaleiro, chamado Lourenço, que sem medo de espécie alguma, expusera a sua vida para a liberdade da formosa jovem, que os monstros tinham cativa, e também para libertar o enorme pesadelo do Castelo dos Dragões.

Agora a aldeia de Aldomar parece outra, sem o terror que entristecia os seus habitantes. Nas suas ruas tudo é alegria.

# O que és hoje Caniçada!

## Antigo Concelho de Ribeira Soaz

### Aonde existe um Polourinho

A coluna está a servir de esteio a uma varanda, e a cúpula está no quintal da casa chamada da Picota. O local aonde eram os Paços do Concelho, é hoje casa de caseiros, mas ainda se lhe chama o lugar do Paço.

A abundância que havia em frutas vinhos e azeite foi muito diminuída pelas duras inundações da albufeira da última Central do Cávado.

A Igreja paroquial é de construção moderna e está construída acerca de 135 anos em local diferente mas próxi-

mo da antiga Igreja.

Esta freguesia tem três capelas mas só uma se encontra em bom estado, graças à gente do seu lugar.

A capela do lugar de Sibrão tem na parte principal, as armas ou brasão e na casa que pertence á capela ouve um mosteiro-mór.

Em tempos antigos o povo deste concelho destruiu as Armas do Silvas, por terem um Leão dizendo que eram do Rei de Castela.

Lá no fundo já não corre o cávado como antigamente, quiz parar e subir até mais perto de nós para assim nos

dar um panorama de beleza. Do outro lado a serra matizada de carrascas crestadas pelo sol, tem um aspecto lúgubre e pesado, que só os frescos e lindos arbustos da nova floresta conseguem em parte amenizar.

Caniçada é viçosa e fecunda como as terras mais lindas de Portugal. Á beira da Albufeira curvão-se as árvores sobre as águas; que lhe dão uma côr verde comparada com os verdes prados.

Pela encosta acima é um jardim de verdura e flores, os castanheiros medram nos campos por onde as vides sobem. Pequenos socalcos amparam a terra dos pequenos campos por onde desliza a água que vem do alto. Aqui a água desce de todos os cantos e por todos os cantos a ouvimos cantar a despinhar-se em cascatas de suave atrativo. (Um só exemplo: a cascata de Fagilde) o fraguado enorme atapetado de ervas e musgo sombreados de variados arbustos que se curvão despreocupados. Lá no fundo os muiños esperam a água que vem levantando cachões de espuma de rocha em rocha até parar na velha cal de madeira que passa sobre o caminho e do muiño passa ás beiras fecundas e riquíssimas aonde tudo cresce e se dá bem.

É caso para dizer como um poeta.

Ó! como surge magestosa e bela, como é viçosa a criação da natureza.

E para hoje amigos leitores, deve chegar, de falar do que a nossa terra tem bom e histórico, a qual eu não posso esquecer porque—me viu nascer e crescer, e a onde quero repousar, quando Deus me cha-

# TRIBUNA DE VIEIRA

## Carta de Ruivães

Esta freguesia está de parabéns pela acertada e justíssima nomeação do nosso muito ilustre conterrâneo, reverendo Albino José Fernandes Alves, prestigioso pároco de Ferreiros, para Arcipreste de Amares.

Estamos firmemente convencidos de que há-de fazer um excelente lugar, a avaliar pela sua inteligência lúcida, pelo seu bom senso, já tantas vezes evidenciado, através da sua missão de padre, e pela firmeza dos seus propósitos, nos vá-

mar a contas, mas lamento muito que em Caniçada haja tanta falta de bairrismo.

Talvez que durante o dia nos tanques públicos não há ninguém em quem se não fale, mas não se fala nas coisas de maior necessidade. achava bem que se discutisse o número de crianças que há dentro da idade escolar, e que a escola é uma casa alugada e em péssimo estado, só com uma sala em estado deplorável. Com duas professoras, uma oficial e uma regente de posto escolar, ainda um posto escolar no lugar da Rechã, de onde tem que vir os alunos, prestarem provas de passagem e de exame a uma escola só com uma pequena sala, é realmente crítico, que haja união nos habitantes de Caniçada e que se procure todos os meios para se obter o melhoramento de que tanto necessitamos.

Haja pois união, e compreensões no povo de Caniçada e façam com que as crianças da nossa terra e suas professoras não passem o próximo inverno naquela dita escola.

Amílcar Pereira

rios ramos da actividade humana.

O novo Arcipreste de Amares é portador de um carácter apumado e leal, amigo sincero do seu amigo, e, felizmente, não conhece nem executiva o repugnante papel de equilibrista manhoso, murrinha de que hoje tanto enfermam os que gostam de se governar, colocando um pé em Sylva e outro em Caribides.

Depois, aquela bondade espontânea, que jorra de seu coração altruista, dá-lhe um indiscutível ascendente para impor aos outros a sua maneira de ver e de proceder.

Homem de pulso firme e padre generoso e caritativo, tem diante de si um futuro radioso, e é isso o que de mais íntimo da alma lhe desejamos, como seu dedicado amigo, como seu conterrâneo e como amigo de infância de seu honrado Pai, que deve ter recebido com comovida alegria a grata notícia da justa nomeação de seu querido filho para cargo tão elevado no seio da Igreja Católica, que tão devotadamente tem sabido servir.

Que seja por dilatados anos, são os votos deste seu dedicado amigo, que afectuosamente o abraça.

Amadeu César

## Carro de Aluguer

Vende-se

Marca, Dodge, em bom estado, e com licença de aluguer em Caldelas.

Ver ou tratar:

António José da Silva

## A UMA BORBOLETA

Borboleta irrequieta,  
Como o génio do poeta,  
Loucamente a volitar;  
Ora pousando amorosa  
Na corola duma rosa,  
Ora bailando no ar;

Os meus olhos deslumbrados  
Com o matiz destes prados  
De mil florinhas singelas,  
Vão seguindo, entre esperanças,  
Essas loucas contradanças  
Que bailas em volta delas!

São tuas irmãs as flores  
Na variedade das côres,  
Na singeleza e candura;  
Elas e tu sois, portanto,  
Dos meus olhos o encanto,  
Embora de pouca dura!

Borboleta que não paras  
De voar sobre as searas  
Em delirante vaivém;  
És a imagem do poeta,  
Alma sempre irrequieta,  
Voando á toa também!

UERBA

## Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

- 3— Pedro Machado
- 3— Manuel Machado de Azevedo
- 3— D. Helena Machado de Azevedo que segue
- 3— Bernardim Machado, recebeu ordens menores e foi comendador de S. João da Guarda e de Oliveira do Hospital da Ordem de Malta.
- 3— D. Briolanja de Azevedo, sr.ª da quinta da Torre em Penela, casou c. o Dr. Francisco Sá de Miranda, Poeta ilustre, comendador de S.ta Maria de Duas Igrejas. Fundador da Casa da Tapada.
- 3— Vasco Machado que foi assassinado.
- 3— Simão Machado, que recebeu ordens menores em 1522.
- 3— D. Helena Machado de Azevedo, casou c. Martim Teixeira de Macedo, sr. de Teixeira e de Vila Pouca de Aguiar esteve na conquista de Azamor. Era filho de João Teixeira de Macedo, do conselho de el-rei D. Afonso V, e de D. Violante de Barros, dama da Ex.ma Senhora, a Princesa D. Joana. Neto paterno de Pedro Teixeira, morgado de S. Brás e vedor do 1.º Duque de Bragança e de Joana Martins de Macedo. Neto materno de Lopo Fernandes de Barros. Tiveram
- 4— João Teixeira de Azevedo, acompanhou a Túnis o infante com as últimas gerações da Torre de Soutelo, da quinta do Tojal em Regalados, e a de Lamoso em Caldelas. Este João Alvaro Rebelo e sua mulher Inês de Macedo, além da filha Maria Rebelo, tiveram a Catarina Rebelo, Alvaro Rebelo, Manuel Rebelo que casou com Inês de Freitas, filha de João de Freitas, Isabel Rebelo de quem descende Nicolau Barata de Melo Marinho Fal-

cão (Lamoso). Ver *Memória Genealógica e Biográfica sobre Marinhos Falcões*, por José Augusto Carneiro, 1904-Porto.

7— Ana de Andrade, que segue

7— Francisco Rebelo de Andrade que esteve na India e casou com Leonor de Guimarães Peixoto.

7— Rodrigo Rebelo de Andrade que foi mulher de João Leite, sr. da quinta de Santo Antoninho, em Cabeceiras de Basto; Isabel Rebelo que foi mulher de Fernão Delgado; Cecília Rebelo, mulher de Rui Coelho de Madureira, de Vila-Verde de Riba-Tâmega; e Inês Nunes de Meireles.

João Alvaro Rebelo era filho de Alvaro Rebelo, alcaide-mór de Santarém, e de Inês Fernandes, a rica-dona de Gulães, e neto de Diogo Lopes Rebelo que viveu na freguesia de Ribeiro, Fafe, no tempo de D. João I; neto de Lopo Gil Rebelo, que viveu no tempo de D. Fernando, e de Inês Rodrigues de Carvalho, legitimado de João Rodrigues de Carvalho por carta de 29 de Setembro de 1421.

Os Rebeldes descendem de Martim Pais que foi o primeiro a apelar-se de Rebelo e de D. Paio Delgado que se achou na tomada de Lisboa. Os Rebeldes estiveram ligados foi às Cortes de Torres Vedras pela câmara de Guimarães; e de Inês de Macedo.

Cristóvão Rebelo de Meireles e Maria de Andrade tiveram, além de seu filho Rodrigo Rebelo de Andrade e Meireles, mais a Alvaro de Meireles que se casou no Vilar com Caminha Leite, filha de Francisco Vaz Pimenta e Camila Leite; e Maria de Andrade, mulher de João Rodrigues Lobo, sr. da quinta da Faia, capitão-mór de Cabeceiras de Basto, filho de Diogo Lobo de Sousa, cav. de Malta, neto do Barão de Alvito e de Maria de Gouveia.

(CONTINUA)